

Literatura de autoajuda e religião: conexões e rejeições

Monica Bernardo Schettini Marques¹

RESUMO: Em pesquisa qualitativa com leitores de obras religiosas com características de autoajuda, leitores daquilo que poderíamos denominar de uma “autoajuda religiosa”, observamos que vários deles não gostam de associar aquilo que leem à tradição ou à ideia de *self-help*. Essa rejeição nos pareceu significativa para uma melhor compreensão dos sentidos e significados desse tipo de leitura para o público em questão. Por que uma parcela daqueles que leem obras religiosas com características de autoajuda preferem tomá-las apenas como obras religiosas? Por que recusam a associação entre suas leituras e a esfera da autoajuda? Essas são questões que merecem uma melhor atenção.

Palavras- chave: Literatura de autoajuda; Religião; Leitores.

ABSTRACT: In a qualitative research with readers of religious works with self-help features, readers of what we could call a "religious self-help literature", we observed that many of them do not like to associate what they read to the idea of self-help. This rejection seemed significant for a better understanding of the senses and meanings of this type of reading to the audience in question. Why a portion of those who read religious works with self-help features prefer to take them just like religious works? Why they refuse the association between their readings and the sphere of self-help? These are issues that deserve a better attention.

Keywords: Self-help literature; Religion; Readers.

¹ Pós-doutoranda, departamento de Sociologia da FFLCH- USP/ FAPESP.

Introdução

Ao passarmos os olhos pelas prateleiras de uma livraria nos deparamos com áreas específicas destinadas a autoajuda, espiritualidade, religião, entre tantos outros assuntos. Se além de passarmos os olhos pelas prateleiras, fizermos uma breve pausa para examinarmos devidamente essas publicações, algum estranhamento pode surgir. Muitos livros que são estruturados em torno do objetivo de ajudar os indivíduos a se ajudarem, obras que fornecem subsídios para que o leitor possa melhorar algum aspecto de sua vida, ou seja, publicações que tendo em vista o conteúdo que veiculam, apresentam características daquilo que pode ser chamado de uma literatura, sistema ou comunicação de autoajuda, podem aparecer nas prateleiras destinadas aos livros religiosos. Esse tipo de situação ocorre, frequentemente, quando estamos diante de uma editora religiosa ou de uma publicação de autoria de um líder religioso. Mas nem sempre produções com esses atributos recebem a designação de livro religioso. Podemos nos deparar com obras com qualidades bastante similares, escritas por líderes religiosos e com características de autoajuda. Uma delas pode ganhar as prateleiras da autoajuda, enquanto a outra é disposta na área reservada aos livros religiosos. Além disso, um mesmo título, em livrarias diferentes, pode ser exposto em diferentes seções. Este é o caso, por exemplo, do último lançamento do Pe. Marcelo Rossi, *Philia*, à venda na Saraiva, na área de religião e na Livraria da Vila, na seção de autoajuda. A divisão em seções empregada pelas livrarias costuma seguir a recomendação estabelecida pelas editoras², baseada em critérios editoriais e comerciais, mas os próprios vendedores e profissionais da área de cadastro revelam questionamentos em relação às classificações empregadas pelas empresas em que atuam. Esses questionamentos referem-se às diversas categorizações utilizadas na organização da produção editorial à venda

² A definição sobre como o livro deve ser lançado no mercado é realizada a partir de um trabalho conjunto que costuma envolver vários departamentos de uma editora: o editorial, o marketing, o departamento de aquisições e o comercial. Além do conteúdo da publicação, o interesse e as características do público são elementos determinantes nesse processo de definição. As livrarias costumam seguir as recomendações das editoras, mas essa não é uma norma. Alterações ou adaptações podem ser feitas, tendo em vista o público-alvo e o rol de assuntos com o qual trabalha cada estabelecimento.

nas lojas físicas ou virtuais e são particularmente expressivos quando temas como autoajuda e religião entram em cena.

Não obstante a divisão inicial, frequentemente, as livrarias criam “ilhas”, espaços de maior visibilidade para a disposição de produtos, nos quais publicações de autoajuda de caráter secular, classificadas como autoajuda, encontram-se lado a lado com livros que apresentam características de autoajuda, ao mesmo tempo em que recorrem ao universo religioso, classificados como livros religiosos, ou com títulos de líderes religiosos que podem ganhar o rótulo de autoajuda. Esses espaços não apresentam classificações visíveis ao cliente, empreendem uma grande “mistura” nas divisões iniciais empregadas pela própria livraria, acabando assim por captar com agudeza o importante diálogo estabelecido entre autoajuda e religião. Esse diálogo, central no século XVII, quando já é possível falar em produções de *self-help* no contexto anglo-saxão, permanece significativo nas publicações contemporâneas, muito embora, ao longo da história do gênero, uma expressiva produção de caráter secular tenha se desenvolvido.

As “divisões” e “reuniões”, que acabamos de descrever, e as diferenças nas classificações de uma mesma obra, quando se tem em vista várias livrarias, sinalizam que estamos diante de uma conexão importante entre autoajuda e religião e também de um território sem fronteiras rígidas. Aquele que inicia uma investigação sobre a autoajuda fatalmente depara-se com a falta de critérios bem estabelecidos para designar as publicações do gênero. Mas, quando alguém, seja ele um investigador ou um leitor, tem em mãos um livro, no qual o autor, escrevendo na primeira pessoa do singular, dirige-se ao leitor com uma série de aconselhamentos ou prescrições, tendo em vista o aperfeiçoamento em algum aspecto da vida do público, a ideia de autoajuda parece ser irresistível. E apesar de irresistível essa ideia pode ser rechaçada.

Em pesquisa qualitativa com leitores de obras religiosas com características de autoajuda³, observamos que vários desses leitores não gostam

³ A pesquisa qualitativa com leitores de autoajuda religiosa foi realizada, em sua maior parte, em livrarias na cidade de São Paulo. Para uma visão compreensiva da área em questão, também realizamos entrevistas com uma série de profissionais que atuam no setor livreiro – bibliotecários, profissionais de livrarias que

de associar aquilo que leem à tradição ou à ideia de *self-help*. Essa rejeição nos pareceu significativa para uma melhor compreensão dos sentidos e significados desse tipo de leitura para o público em questão. Por que uma parcela daqueles que leem obras religiosas com características de autoajuda preferem tomá-las apenas como obras religiosas? Por que recusam a associação entre suas leituras e a esfera da autoajuda? Essas são questões que merecem atenção. Não se trata apenas de tomar determinada obra como um livro religioso e não como uma publicação de autoajuda, mas de rejeitar qualquer associação entre aquilo que se lê e a autoajuda. A própria dificuldade de definição do gênero, certa “vagueza” que ronda a categoria autoajuda, parece influir nesse tipo de interpretação. Mas, em nossa análise, há outros fatores importantes para explicá-la. Antes de partirmos para esse tópico, objetivo central deste artigo, parece-nos importante inserimos o leitor na discussão que perpassa a definição daquilo que pode ser entendido como um sistema ou literatura de autoajuda. Em seguida, apresentaremos uma breve reflexão sobre a história do gênero, salientando o vínculo recorrente entre esse tipo de comunicação e o universo religioso⁴. Com essa reflexão histórica, nossa intenção é mostrar que quando nos depararmos, hoje, com líderes religiosos como Pe. Marcelo Rossi ou Edir Macedo, escrevendo livros com características de autoajuda, não estamos diante de algo novo ao longo da extensa tradição de *self-help* – muito pelo contrário.

O problema da definição

Nos estudos sobre autoajuda são poucos os autores que apresentam uma definição explícita. Mais facilmente depara-se com a dificuldade de definição do gênero ou com controvérsias em relação àquilo que se entende por literatura, comunicação, ou sistema de autoajuda.

Micki McGee (2005) volta sua atenção para os vários debates que rondam a o tema, detendo-se na seguinte questão: a categoria autoajuda deve ser definida tendo em vista as características próprias do texto, ou sua definição deve se

atuam nas áreas de cadastro e de vendas e profissionais de editoras que atuam nas áreas de marketing e editorial. O CEO de uma editora e rede de livrarias também foi consultado.

⁴ Observamos que as reflexões sobre a definição de autoajuda e sobre as origens do gênero aparecem, com algumas alterações, também em Marques (2014).

basear no uso social, lidando com as diferentes apropriações feitas pelos leitores. Para a socióloga, a última perspectiva pode trazer ganhos à pesquisa, enfatizando-se o contexto social e histórico na apreensão dos significados, mas as desvantagens metodológicas lhe parecem maiores. Argumenta que quando os mais diversos tipos de publicação podem ser tomados como autoajuda, a despeito de seu conteúdo, a categoria torna-se vaga, sendo necessário ainda lidar com o uso imaginativo que o leitor faz do texto, sem subsídios eficazes para tanto. As classificações usadas pelo mercado editorial valem-se, frequentemente, do uso social, procedimento que, para McGee, gera anomalias, como a inserção de um estudo sociológico ou de uma obra do jornalismo investigativo nas prateleiras destinadas às publicações de autoajuda, negligenciando-se os conteúdos veiculados (McGee, 2005, p. 193-194).

A perspectiva do uso social parece ser realmente importante para uma melhor compreensão das demandas contemporâneas de leitores e editores. Ajuda-nos a entender, por exemplo, a situação de um leitor que se debruça sobre um livro de filosofia, tomando-o como uma produção de autoajuda. Provavelmente, ao fazê-lo, procura subsídios para enfrentar suas dificuldades existenciais, quer se ajudar, melhorar. A categoria também dá conta daquela parcela do público que se refere à Bíblia, como autoajuda. Um dos nossos entrevistados, evangélico e leitor contumaz de produções de *self-help*, com a mão no livro sagrado pronuncia: “todo o livro de autoajuda está aqui, tudo o que tem na Bíblia fala de multiplicação, de crescimento, de ‘dar de bater’, de persistir”. Em sua interpretação, a Bíblia é a maior e mais eficaz das publicações de autoajuda.

Apesar da pertinência do uso social para a análise de certas situações, é inegável que existem publicações que se apresentam com o propósito explícito de trazer ao leitor dispositivos que permitam que ele seja capaz de “ajudar a si mesmo”. É esse tipo de produção que se tem em vista nessa investigação, quando se emprega o termo autoajuda. Mas, além desse critério mínimo, quais outras características estão presentes nas publicações que frequentemente entendemos como autoajuda?

Steven Starker (2002) apresenta uma reflexão bastante compreensiva sobre essa questão, abordando tanto às características que são comuns àquilo que se pode tomar como uma publicação de autoajuda, como a grande variabilidade que

perpassa o gênero, que está bem longe de se conformar como um todo uniforme. Starker nota, primeiramente, que o livro de autoajuda dirige-se a um público leigo, não exigindo conhecimento prévio do leitor. Os autores procuram se comunicar de forma “vívica, interessante, legível”. Trata-se de uma publicação, que procura ser “de uso imediato e prático para o leitor, oferecendo instrução em algum aspecto da sua vida” (Ibid., p.8). Em suma, quando abrimos um livro de autoajuda estamos diante de algo que se lê com facilidade, de um texto que procura despertar o interesse do leitor e que apresenta uma acentuada dimensão pragmática

Fora essas características básicas, a produção contemporânea pode apresentar grande variabilidade, de acordo com Starker (2002, p.9). É possível se deparar com textos de caráter mais anedótico, que se voltam para histórias divertidas e incidentes biográficos – situações usadas para inserir os principais argumentos e aconselhamentos do autor, e com publicações de caráter mais informacional, fundamentadas em dados empíricos. Os dois enfoques podem ainda aparecer misturados em um mesmo exemplar. O autor observa também que as produções de autoajuda podem ter qualidade prescritiva, procurando estabelecer regras em tom autoritário – se o indivíduo seguir um determinado comportamento, vai alcançar os resultados desejados. Observa, contudo, que essa não é uma norma e que existem publicações que caminham na direção oposta, oferecendo ao leitor uma série de procedimentos para alcançar um determinado objetivo, mas deixando-o livre para escolher aquela que lhe parece ser a melhor alternativa.

As produções de *self-help* contemporâneas apresentam diferenças também em relação aos temas enfocados. Existem livros dedicados a assuntos específicos – relacionamentos, saúde e corpo, trabalho, sucesso, finanças, o sentido da vida. Às vezes, uma única publicação procura dar conta de todos esses tópicos. Cada um desses temas pode ainda receber abordagens distintas. É possível deparar-se com um livro sobre dieta de um médico ou nutricionista ou com uma publicação voltada ao mesmo assunto escrita por uma celebridade de TV. A psicologia pode ser subsídio da abordagem de um leigo ou de um especialista na área. Um tratado que fala sobre o sucesso, nos mais diferentes aspectos da vida, pode ou não ter acento religioso. Essa última questão é especialmente importante. Embora seja muitas vezes dissociada do universo religioso, a autoajuda está

ligada à religião desde o século XVII, quando tem início no contexto anglo-saxão e essa ligação com o sagrado permanece significativa nas produções de autoajuda ainda hoje.

Pitadas de história

Importantes estudiosos da literatura de autoajuda têm sublinhado a relação entre as origens do gênero⁵ e publicações puritanas do século XVII. Steven Starker é um deles⁶. O autor, em abordagem bastante alicerçada em investigação anterior de Richard Weiss (1988), localiza na história da autoajuda anglo-saxã, um momento primeiro em que predominavam guias vinculados ao puritanismo. Tratava-se, inicialmente, de textos produzidos por líderes religiosos que ensinavam os leitores a viverem dentro dos valores da igreja, obras que forneciam diretrizes para o público ter uma vida devota com vistas à salvação, como *Guide to Heaven* (1673), de Samuel Hardy e *The Practice of Piety* (1611), de Lewis Bayly.

A doutrina da predestinação de João Calvino é um elemento-chave para a compreensão desses primeiros guias. Ao analisar os efeitos do dogma, Max Weber (2004) sublinha sua desumanidade patente e o sentimento de solidão que gerava nos indivíduos, forçados a traçar sozinhos seus destinos. Alguns homens estavam predestinados à vida eterna, enquanto outros à morte eterna, a despeito de suas obras, de suas ações, simplesmente porque Deus assim decretou. Diante de um estado de coisas tão desolador, nota Weber (2004, p. 101-102), o indivíduo tenta insistentemente acreditar na sua própria salvação. Para tanto, passa a se considerar um eleito, procura se afastar do estado de dúvida, busca a autoconfiança através do trabalho incansável, que ganha caráter sagrado e passa a ser interpretado como meio para a maior glória de Deus.

⁵ Detemo-nos aqui especialmente na história da autoajuda anglo-saxã, uma vez que os EUA constituem-se como o principal pólo produtor e difusor do gênero. Entretanto, é importante salientar que a investigação sobre os inícios da autoajuda leva a publicações de outras origens. É o caso, por exemplo, de *Il Cortegiano*, de Baldassare Castiglione. A obra foi publicada inicialmente em 1528 e traduzida para o inglês em 1561. Como observa Philippe Ariès (2001, p.174), o *Cortegiano* criou um gênero, “o gênero das artes de agradar e ter sucesso na vida”. Esse tipo de abordagem revela-se mais francamente na produção estadunidense na década de 1930. Em *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, de Dale Carnegie (1937), publicado inicialmente em 1936, é possível observar esse tipo de apelo com nitidez.

⁶ No Brasil, Daniela Bessa (2010) também segue a linha de Starker para abordar as origens da autoajuda.

Os guias de autoaperfeiçoamento seiscentistas, publicações que hoje podem receber a alcunha de autoajuda, inserem-se no contexto de incerteza e ansiedade decorrente da doutrina. Os textos em questão imbuíam-se da tarefa de auxiliarem os leitores na tarefa de ajudarem a si mesmos, apresentando-lhes diretrizes para conduzirem suas próprias vidas, com austeridade e disciplina, de modo a que se percebessem como eleitos. A leitura desses textos interligava-se à frequência aos cultos. Igreja e autoajuda aparecem, nesse momento inicial da história do gênero, como instrumentos complementares. Os livros configuravam-se, assim, como um “pedaço da igreja” que poderia ser levado para casa pelo crente, propiciando-lhe não apenas orientação, mas também uma boa dose de segurança e conforto, como diagnostica Steven Starker (2002, p. 37-38).

No século XVIII, a produção de autoajuda norte-americana ganharia um caráter mais secular (Starker, 2002, p. 14). Um tom menos prescritivo poderia ser notado em publicações que se caracterizavam pela utilidade e praticidade. Essa nova abordagem não implicava a negação da anterior. As virtudes salientadas nos antigos guias, como a frugalidade, a diligência, e o trabalho duro, estavam também no mais emblemático dos autores dos setecentos, uma das principais figuras da cultura e da história norte-americana, o diplomata, inventor, cientista e escritor, Benjamin Franklin (1706-1790), mas, nas publicações populares de Franklin, as recompensas divinas eram menos importantes do que o sucesso *neste mundo* e muitos valores, como a própria honestidade, poderiam estar associados a uma abordagem utilitarista. A preocupação em alcançar riquezas lhe era central e foi explorada em produções como *Poor Richard's Almanac*, série que teve início em 1732 e durou quase duas décadas, *The Way to Wealth*, de 1758, obra composta por seleções de textos do almanaque, e também em *Autobiography*, publicação de 1791.

Comparando-se essas duas abordagens iniciais da autoajuda, uma mudança extremamente significativa é sublinhada pelos comentaristas: nos guias puritanos os indivíduos deveriam realizar suas boas obras dentro de papéis sociais bem estabelecidos, condenava-se a ambição pessoal, já Franklin encorajava o desejo de seus contemporâneos a avançar na hierarquia social – a

mobilidade social através do esforço individual lhe era cara e apresentada como um objetivo que estava ao alcance do homem comum (Weiss, 1988, p.28-29; Starker, 2002, p.14).

Em *The Way to Wealth*, obra inicialmente denominada, *The Advice of Father Abraham* (O Conselho do Pai Abraão), Franklin retoma temas e máximas da série *Poor Richard*, através de um criativo recurso literário. O narrador, Richard Saunders, dirige-se ao leitor no início do texto, comentando o quão prazeroso é para um autor se ver citado por outros. Conta, então, que em certa ocasião deparou-se com um velho homem, pai Abraão, que se referia constantemente a ele – Richard Saunders ou *Poor Richard*, enquanto expunha uma série de aconselhamentos para um grupo de pessoas. Pai Abraão, o novo personagem, é introduzido e associado ao protagonista da longa série de sucesso.

No início da narrativa, pai Abraão concorda com o público que reclama sobre o peso dos impostos, mas argumenta que as taxações governamentais são menos danosas para a contabilidade geral do indivíduo do que a ociosidade, o orgulho e a insensatez. O que fazer diante desses vícios, como vencê-los? Pai Abraão, seguindo *Poor Richard*, ensina: “ ‘vamos dar ouvidos a um bom conselho, e algo poderá ser feito por nós’ (...) ‘Deus ajuda aqueles que se ajudam’ ” (Franklin, 1810, p. 9). A diligência, a indústria e uma vida regrada são apresentadas como antídotos para os vícios anteriores e como requisitos para que o indivíduo se torne rico, saudável e sábio. Pai Abraão indaga: “ ‘O que significa desejar e esperar por tempos melhores’ ”, respondendo, “ ‘podemos fazer esses tempos melhores se nos colocarmos em movimento’ ”. (Ibid., p. 13). Nesta perspectiva, o indivíduo “ajuda a si mesmo” através do próprio esforço, ao afastar-se da preguiça e da perda de tempo; na ação, no movimento, jamais na passividade. Mas é interessante notar que, ao final do texto, o protagonista adverte seus ouvintes/leitores para a necessidade de associar as virtudes necessárias para a prosperidade a uma dimensão religiosa: “não dependa muito da sua própria indústria, frugalidade e prudência, estas, apesar de tudo, podem ser destruídas sem as bênçãos dos céus” (Ibid., 1810, p. 34).

Como bem observou Roy Anker (1999, p. 112), Franklin, no término de *The Way to Wealth*, une providência e riqueza, colocando a religião em um

quadro de referência utilitário. Em outras palavras: ser diligente apenas não é suficiente, peça também as bênçãos divinas – que se tornam assim um recurso essencial para os objetivos materiais do indivíduo.

A ideia de autoajuda em Benjamin Franklin atrelava-se a um grande esforço individual, demandava controle dos “vícios” e diligência e também a atenção aos aconselhamentos. “Eles que não podem ser aconselhados, não podem ser ajudados” (Franklin, 1810, p.35). Em Franklin, a ideia de *self-help* vincula-se a este mundo, a obtenção de riqueza é central e os objetivos, as metas, são, em geral, individuais. Essas características estão presentes, também, na principal abordagem da autoajuda do século XIX, a literatura vinculada ao movimento do Novo Pensamento, uma abordagem da tradição de *self-help* estadunidense, baseada no poder da mente⁷ e do pensamento positivo. Mas, na produção dos novos pensadores, não se observa mais a ênfase no trabalho duro e na frugalidade. As antigas virtudes não só perdem peso, como podem receber críticas explícitas. Entrava, então, em vigor a ideia de que a transformação da realidade é algo que decorre, em grande medida, do pensamento individual, que ganha caráter mágico e, conseqüentemente, não precisa se conectar a uma ação empreendedora.

O movimento do Novo Pensamento (*New Thought movement*) abarca uma corrente muito ampla da cultura e da religiosidade norte-americana, especialmente importante entre a segunda metade do século XIX e os dois primeiros decênios do século XX. Trata-se de um movimento de forte acento religioso em que se verificavam influências diversas, oriundas do cristianismo,

⁷O poder da mente individual derivava, nas explicações dos novos pensadores, da relação entre a mente humana e o divino – uma divindade que não estabelecia relação de dualidade com o homem e que estava também bastante desvinculada da imagem hostil do Deus calvinista. Lidava-se com a ideia de Deus, como princípio único no universo, fundamentado na ideia de mente. Tudo aquilo que existe no universo, incluindo-se o próprio homem, seria uma emanção dessa “Mente Universal”. Essa perspectiva teológica que promovia a união do homem com o divino, e que garantia ao primeiro o apregoado poder da mente, estava sempre vinculada a recursos especiais para fazer valer tais poderes. Era preciso exercer controle sobre o pensamento e empregar certas técnicas – afirmações, visualizações, meditações – práticas de caráter mágico usadas para tentar controlar o curso dos acontecimentos, a ordem material. Esses procedimentos estavam subsumidos a um princípio maior que regeria todo o universo – a chamada lei da atração, de acordo com a qual, semelhante atrai semelhante. A referida lei, inspirada nos estudos sobre o magnetismo, em fenômenos relacionados à atração ou repulsão entre determinados objetos materiais, vincula-se, nas formulações dos novos pensadores, a uma visão mágica do universo, embora fosse tratada como um princípio semelhante àqueles da física.

do mesmerismo, da filosofia idealista, das religiões orientais, da teosofia, entre outras. Essas influências variavam entre os diversos promotores do movimento, mas a crença no “poder da mente”, em capacidades extranaturais da mente humana, era comum entre eles. A propagação do movimento se deu, em grande medida, através de revistas, panfletos e livros de larga tiragem. Membros do Novo Pensamento, ou autores embebidos nas formulações do movimento, compuseram uma das principais ondas de autoajuda da história do gênero. A prosperidade material não era a ênfase de todos os seus proponentes, mas, a partir da década de 80 do XIX, torna-se um tema particularmente destacado nas publicações populares do movimento.

O movimento perdeu vigor na década de 20 do século passado, mas suas ideias acabaram por se incorporar à cultura norte-americana, disseminando-se também em outros países e contextos. Publicações de autoajuda foram fundamentais nesse processo. O poder da mente foi proeminente em um dos livros de maior sucesso de vendas na história da autoajuda – *O poder do pensamento positivo*, do pastor estadunidense Norman Vicent Peale (2006), publicado inicialmente em 1952, e é a base de *O segredo* (2007), de Rhonda Byrne, e de várias publicações norte-americanas das últimas décadas. No Brasil, esse tipo de abordagem é especialmente relevante na produção de Lauro Trevisan, escritor de autoajuda, vinculado ao catolicismo. Em Peale e em Trevisan as referências ao cristianismo e à Bíblia são constantes. Já Rhonda Byrne parece manter-se fiel à perspectiva teológica do Novo Pensamento (Ver nota 6). O *New Thought* teve, ainda, uma expressiva influência na teologia da prosperidade e no movimento *New Age*⁸. Estes últimos fenômenos, vale lembrar, estão também associados a dezenas de títulos de *self-help*.

⁸ Não tratamos aqui da relação entre o *New Thought* e a teologia da prosperidade, mas a abordamos em Marques (2013). Essa conexão foi inicialmente investigada por Dan McConnell (2009), em *A different gospel*. Elementos do Novo Pensamento estariam presentes também nas origens da Nova Era, na análise de Gordon Melton (1992). Para o autor, o *New Thought* e o movimento *New Age* conformam-se como dois segmentos da religiosidade popular norte-americana que se misturaram de forma muito complexa nos anos 80. Em sua perspectiva, a Nova Era surge como um movimento de reavivamento na tradição esotérica, reelaborando crenças e práticas já existentes, e a presença do Novo Pensamento explicaria a rapidez com que a formação que aparece, inicialmente, na Inglaterra, nos anos 60, disseminou-se pelos EUA na década seguinte. Também Paul Heelas (1999) aponta para uma continuidade entre o *New Thought* e a Nova Era. Já Albuquerque (1999) percebe influxos do Novo Pensamento na religião de origem japonesa, Seicho-no-iê. Em suma: o *New Thought* entrou em declínio nos anos 20, mas permanece vivo em vários outros fenômenos da religiosidade e da cultura.

Rejeições à autoajuda

Uma breve mirada pela história da autoajuda nos mostra a significativa conexão entre o gênero e o universo religioso, muito embora desde o século XVIII já se fizessem notar produções de caráter secular, algo que ganharia um peso ainda maior no início do século XX, quando seria possível observar uma avalanche de textos inspirados na psicologia. Não obstante o forte vínculo entre a autoajuda e religião, detectamos a rejeição da ideia de autoajuda por vários dos leitores daquilo que se pode considerar uma autoajuda religiosa.

Esse é o caso de Cláudia, 44 anos, pedagoga. Quando nos conhecemos, Cláudia folheava publicações em uma das “ilhas” destinadas a produções religiosas e de autoajuda, da livraria Cultura do Shopping Bourbon, na zona oeste da cidade de São Paulo. A entrevistada contou que é leitora habitual das publicações do Pe. Marcelo Rossi, afirmando que estas são seus “livros de cabeceira”. Recorre a elas quando está com algum problema, alguma dificuldade. Também assiste às missas celebradas pelo padre. Nas duas situações encontra “conforto” e sente-se, “mais segura”. Por vezes, depara-se nos textos ou nas celebrações com alguma palavra ou sinal que funciona como “chave” para a solução das dificuldades que enfrenta. Cláudia observa, contudo, que não lê produções de autoajuda. “Não gosto de autoajuda, não me estimula. Gosto de ler algo que me leve para outro espaço. Gosto de livros de suspense, de aventura”. Nesse caso, a entrevistada, ao discorrer sobre suas leituras prediletas referiu-se a títulos, como *Philia*, do Pe. Marcelo, que apresentam características de autoajuda⁹, muito embora rejeitasse qualquer associação entre a obra em questão e o gênero que, como reiterou, não aprecia.

⁹ Várias características das produções de autoajuda podem ser observadas nesta obra do religioso. O subtítulo, “derrote a depressão, o medo e outros problemas aplicando a *Philia* no seu dia a dia”, é especialmente significativo. Aqui, já se visualiza o caráter pragmático do texto que o leitor tem em mãos, algo central nas produções de *self-help*. No subtítulo e ao longo dos capítulos, Pe. Marcelo nos fala de diversos males frequentes no mundo contemporâneo. Refere-se, além da depressão e do medo, ao problema da autoimagem, do desemprego, entre outras questões, apontando estratégias laicas e religiosas para enfrentá-las. Trata-se de um texto de fácil leitura, dirigido ao público em geral, no qual o religioso coloca-se na primeira pessoa do singular e confessa suas próprias dificuldades para enfrentar problemas que podem também afligir muitos de seus leitores, propiciando, assim, uma relação de empatia junto público.

Outro tipo de situação também foi observado. O entrevistado afirma que não lê obras de autoajuda, que não gosta do gênero, mas quando indagado se leu determinadas publicações – mencionamos ao longo das entrevistas títulos da autoria de líderes religiosos com características de autoajuda – afirma que leu alguns deles, mas que não se trata de autoajuda e sim de um livro religioso, voltado a questões da espiritualidade.

O diálogo com Vanessa, vendedora da Cultura, nos pareceu muito elucidativo para a compreensão da rejeição à ideia de autoajuda percebida em parte das entrevistas com leitores do gênero. Vanessa nos conta que muitas vezes o cliente chega à livraria já com um título em mente, mas quando é encaminhado para a seção de *self-help*, “torce o nariz”. Para a vendedora, são poucos os clientes que afirmam estar à procura de um livro de “autoajuda”, referindo-se diretamente ao termo. A busca se dá, normalmente, pelo título ou nome do autor. Acredita que uma parte do público associa o leitor de autoajuda a um indivíduo “perdedor”. Em sua avaliação, a autoajuda parece se conformar, para essa parcela dos leitores, como uma atividade para “fracos”.

A rejeição da autoajuda, ou mesmo a hostilização do gênero por indivíduos mais intelectualizados, não é algo que cause estranheza ao pesquisador, pelo contrário. Trata-se de uma perspectiva bastante frequente no meio acadêmico e que pode muitas vezes ser sintetizada em afirmações de grande fragilidade, como: “não li e não gostei”. Mas quando essa rejeição é verificada entre os próprios leitores de produções de *self-help*, a questão parece ser um pouco mais “espinhosa”, um pouco mais contraditória.

A negação da ideia de autoajuda por leitores de obras que recorrem, a um só tempo, tanto à religião, como à autoajuda, leitores daquilo que podemos denominar uma autoajuda religiosa, negação observada em duas situações modelares acima destacadas, está, em nossa análise, vinculada a uma série de fatores que podem, em determinadas situações, aparecer de forma combinada. Tais fatores podem ser assim resumidos:

- Não existe, para uma parcela do público, clareza em relação àquilo que se configura como um sistema ou literatura de autoajuda.

- Publicações de autoajuda são tomadas, por uma parcela dos leitores, como obras de caráter laico, desvinculadas do universo religioso.
- Ler um livro de autoajuda sinaliza que o leitor é alguém que apresenta fragilidades e necessita de algum tipo de apoio – por isso, a negação de sua prática.
- A autoajuda vincula-se, para uma parcela dos leitores, ao universo da psicologia e a leitura desse tipo de publicação, como também a necessidade de apoio psicológico, sinalizam que o sujeito tem algum tipo de fragilidade.
- O universo religioso tem maior apelo do que o universo da autoajuda. As estratégias para o bem estar do indivíduo, ou para seu sucesso econômico, quando fundamentadas em textos bíblicos, ou quando são fruto de escritas mediúnicas, entre outras situações, têm estatuto maior para uma parcela do público. Por isso, a afirmação de que se trata de um livro religioso e não de uma publicação de *self-help*.

Negada ou afirmada, a autoajuda parece ser um tema exemplar para a compreensão do indivíduo contemporâneo, indivíduo que é cria e criador de uma cultura na qual quer ver refletida a imagem do próprio “eu”. Esse indivíduo tão autorreferencial, tão ávido por saber quantas vezes foram curtidas suas últimas postagens nas redes sociais, que faz continuamente “*selfies*”, autorretratos que pouca semelhança têm com aqueles de mestres do gênero na pintura, como Rembrant e Van Gogh – esse indivíduo que se regozija com seus sorrisos e dentes em imagens digitais, também se regozija com textos que tratam de seus desejos, de suas preocupações e que apontam para mudanças, transformações. A autoajuda religiosa, em particular, conforma-se como expressão exemplar da espiritualidade contemporânea, que não necessariamente inclui uma participação religiosa formal, e está bem ajustada à busca por resultados para as dores e anseios do homem moderno.

Referências

- ALBUQUERQUE, Leila M. B. *Seicho-no-ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação*. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 1999.
- ANKER, Roy M. *Self-Help and Popular Religion in Early American Culture: An Interpretive Guide*, Westport, Greenwood Press, 1999.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro, LTC, 2011.
- BESSA, Daniela B. *Literatura de autoajuda cristã*, EDUC/FAPESP, 2010.
- BYRNE, Rhonda, 2007, *O Segredo*, Rio de Janeiro, Ediouro.
- CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, Rio de Janeiro, Nacional, 1937.
- FRANKLIN, Benjamin. *The way to wealth*, London, W. and T. Darton, 1810.
- HEELAS, Paul. Prosperity and the new age movement. The efficacy of spiritual economics. In Wilson, Bryan e Cresswell, Jamie (eds.), *New religious movements: challenges and response*, London, Routledge, 1999. p. 49-77.
- MARQUES, Monica Bernardo Schettini. *Teologia da prosperidade, literatura de autoajuda, modernidade*. 37º Encontro Anual da Anpocs, Águas de São Pedro, 2013. http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8726&Itemid=459. Acesso em 30 junho. 2015.
- MARQUES, Monica Bernardo Schettini. Anuac, Rivista dell'Associazione Nazionale Universitaria Antropologi Culturali, Vol 3, N 2, 2014, p.61-76. Disponível em: <http://www.rivistanuac.eu/OJS/index.php/anuac/article/view/170>. Acesso em 2 de agosto. 2015
- McGEE, Micki. *Self-Help, Inc: Makeover Culture in American Life*. New York, NY: Oxford University Press, 2005.
- McCONNELL, Dan R. *A different gospel: biblical and historical insights into the Word of Faith Movement*, Peabody, Hendrickson Publishers, 2009.
- MELTON, Gordon, New Thought and the New Age. In Lewis, James e Melton, Gordon, (eds), *Perspectives on the New Age*, Albany, State University of New York Press, 1992. p.15-29.
- PEALE, Norman V. *O poder do pensamento positivo*, São Paulo, Cultrix, 2006.
- ROSSI, Marcelo. *Philia: derrote a depressão, o medo e outros problemas aplicando a Philia no seu dia a dia*, São Paulo, Principium, 2015.

STARKER, Steven. *Oracle at the supermarket: the American preoccupation with self-help books*, New Brunswick, Transaction Publishers, 2002.

WEBER, Max, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Flávio Pierucci (ed.), São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

WEISS, Richard, *The American Myth of Success: from Horatio Alger to Norman Vincent Peale*, Urbana & Chicago, University of Illinois Press, 1988.